

AGRICULTURA FAMILIAR, AGROECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE: TRANSIÇÃO EM MARCHA (?)

BALESTRIN, Nádía Luzia (Administração/UNIBRASIL)

A Agroecologia, pode ser considerada, tanto uma ciência quanto um conjunto de práticas agrícolas. Como uma prática agrícola volta-se para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis pautados pela dependência mínima de agroquímicos, como pesticidas, herbicidas, adubação química e fontes energéticas externas. Como teoria crítica, questiona as práticas vigentes na agricultura industrial e apresenta uma fundamentação conceitual e metodológica para a consolidação de agroecossistemas sustentáveis. Grande parte das iniciativas agroecológicas vem sendo desenvolvidas na agricultura familiar.

Palavras-chave: agricultura familiar; agroecologia; sustentabilidade

Neste estudo partiu-se da seguinte questão: Qual é a significância da agricultura familiar no processo de construção de um novo paradigma agroecológico e sustentável? Procurando refletir sobre a mesma definiu-se como objetivo geral analisar a relação entre a agroecologia e a agricultura familiar. A agricultura familiar dentro de uma discussão conceitual abarca uma diversidade de caracterizações, mas preservando elementos em comum. Wanderley (2009, p.156) afirma que a agricultura familiar é “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”. O agente principal neste universo agrícola é o grupo familiar. “A família equipada com os meios de produção, emprega sua força de trabalho no cultivo da terra e recebe como resultado de um ano de trabalho, certa quantidade de bens” (CHAYANOV, 1974, p.137).

Nas sociedades modernas a agricultura familiar foi distinguindo-se do campesinato tradicional de origem pré-capitalista, em que a subsistência justificava sua existência (SERVOLIN, 1989). As mudanças na sociedade moderna também influenciaram o mundo rural, sinalizando para novos perfis. A modernização trouxe consigo o êxodo rural, o abandono da atividade principalmente por pequenos produtores; por outro lado, foi dando origem a uma certa “diferenciação interna” com a existência de um quadro de

agricultores considerados de “camadas médias”; mudanças na estrutura familiar, com número menor de integrantes, onde nem todos envolvem-se com a agricultura; a introdução da tecnologia que possibilitou a redução do esforço físico; a redefinição do consumo, indo além do consumo do mínimo necessário, atendendo a outras demandas de ordem material (WANDERLEY, 2009).

A agricultura no Brasil, a partir da década de 1940, foi absorvendo um novo modelo de produção agrícola, com a introdução de máquinas agrícolas, intensificação do uso de agroquímicos, tais como agrotóxicos para o controle de pragas e “ervas daninhas”, fertilizantes químicos e sementes híbridas. As sementes, geneticamente modificadas, usadas hoje em larga escala, vem contribuindo para a consolidação de um modelo agrícola “químico-mecânico-genético” (GUIVANT, 1998).

Dentre as características deste modelo convencional de agricultura, pode-se destacar a existência de uma preocupação voltada para a produtividade, com o predomínio de monoculturas, não se leva em consideração as condições locais com a imposição de pacotes tecnológicos, o solo é explorado ininterruptamente, há uma baixa eficiência energética (geralmente vinda de fora) e como resultado, alimentos com a presença de produtos químicos (CARMO, 1998).

A agroecologia, desponta no século XX e vai possibilitar o levantamento das primeiras indagações a respeito do modelo convencional de agricultura, tendo como base científica, dois campos específicos: a ecologia e a agronomia (GLIESSMANN, 2000.) Pode assim ser considerada, tanto uma ciência quanto um conjunto de práticas e articula três formas de compreensão (ALTIERI, 2012, p.7-8) .

- 1.Uma teoria crítica com questionamento radical à agricultura industrial e apresentação de bases conceituais e metodológicas para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis;

- 2.Como uma prática social adotada explícita ou implicitamente em coerência com a teoria agroecológica;

3. Como um movimento social que mobiliza atores envolvidos pratica e teoricamente no desenvolvimento da Agroecologia, assim como crescentes contingentes da sociedade engajados em defesa da justiça social, da saúde ambiental, da soberania e segurança alimentar e nutricional, da economia solidária e ecológica, da

equidade entre gêneros e de relações mais equilibradas entre o mundo rural e as cidades.

A agroecologia remete a um novo paradigma agrícola que contempla uma nova relação do homem, não somente com os agroecossistemas, mas também com outras questões relacionadas à convivência social. Pensar uma agricultura mais sustentável significa um envolvimento dos atores no sentido de considerar o agrossistema com um todo; praticar a rotatividade e diversificação das culturas a fim de assegurar a recomposição do solo; utilizar fontes energéticas produzidas localmente e como resultado, a produção de alimentos com alto valor biológico e sem a presença de químicos (CARMO,1998).

Assim a sustentabilidade, tão discutida e com abordagens tão diversas pode ser viabilizada por meio da agroecologia. Leff (2004, p.15) assim a define:

A sustentabilidade ecológica aparece assim como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro questionando as próprias bases da produção”

Construir novas bases de produção sustentáveis, dentro da agricultura, significa repensar o modelo de agricultura convencional, industrial, produtivista baseada no uso de agrotóxicos, transgênicos e monocultura. A agroecologia parte de outro referencial e distingue-se largamente do modelo convencional, pois além de usar práticas que não são danosas ao homem e à natureza privilegia a sabedoria e o conhecimento dos atores envolvidos: homens e mulheres da terra. A agricultura familiar (ALTIERI, 2012), geralmente pequena propriedade, pode ser considerada como um dos principais atores na consolidação do novo paradigma agrícola, alavancado na sustentabilidade, porque:

- a. Pequenas propriedades rurais são a chave para a segurança alimentar mundial
- b. Pequenas propriedades rurais são mais produtivas e conservam mais os recursos naturais do que as grandes monoculturas
- c. Pequenas propriedades diversificadas representam modelos de sustentabilidade
- d. Pequenas propriedades rurais representam um santuário de agrobiodiversidade livre de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs)

- e. Pequenas propriedades rurais resfriam o clima (ALTIERI, 2012, p.363)

A produção de alimentos está diretamente ligada a agricultura familiar pois diferentemente da agricultura industrial, baseada na monocultura, geralmente destinada à exportação, ela tem um cultivo diversificado. Dados estatísticos confirmam que 70% dos alimentos consumidos são provenientes da agricultura familiar (PORTAL BRASIL, 2015).

No âmbito das Ciências Sociais predominam os argumentos que fazem a aproximação entre a sustentabilidade e a agricultura familiar “(...) é capaz de realizar a transição com maior facilidade para um modelo de desenvolvimento sustentável” (GÓMEZ, 1999, p.109)

Este estudo bibliográfico fundamentou-se em referências pertinentes ao tema, situadas principalmente no campo das ciências sociais e em menor proporção das ciências agrárias. Pode-se concluir que o papel da agricultura familiar, da pequena propriedade, é muito relevante na consolidação das práticas agroecológicas, nos seguintes aspectos: as pequenas propriedades rurais conservam mais os recursos naturais do que as grandes monoculturas; são produtoras de alimentos diversificados; tendem a não usar sementes geneticamente modificadas; são propriedades diversificadas que favorecem a sustentabilidade dos ecossistemas; utilizam-se de mão-de-obra familiar ou da comunidade; são áreas ricas em agrobiodiversidade e contribuem para a preservação das matas, dos mananciais de águas, das espécies, influenciando também no clima. Assim a agricultura familiar apresenta vários elementos que sinalizam seu potencial no processo de transição para uma agricultura sustentável, agroecológica.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Expressão Popular – AS-PTA, 2012.

CARMO, M.S. A produção familiar como locus ideal de agricultura sustentável. IN: Ferreira, A.D.D. & Brandenburg, A. (org.) **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

CHAYANOV, A.V. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.

LEFF, H. **Saber Ambiental – sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2004.

GLIESSMANN, S.R. **Agroeecologia – processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade-URGS, 2000.

GÓMEZ, W.H. Desenvolvimento Sustentável, agricultura e capitalismo. IN: Becker. D.F. (org.) **Desenvolvimento sustentável- necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

GUIVANT, J. A agricultura sustentável na perspectiva das Ciências Sociais. IN: Viola, E. et.al. **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

PORTAL BRASIL. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro>. Acesso em: 28 Ago. 2015.

SERVOLIN, C. **L'Agriculture Moderne**. Paris: Seuil, 1989.

WANDERLEY, M.N.B. **O mundo rural como espaço de vida**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.